

ÀS MARGENS DA SERRA GERAL: UM OLHAR SOBRE A COMUNIDADE REMANESCENTE QUILOMBOLA DE LAGOA DOS ANJOS

Marineide Maria da Silva Rocha¹

Cristiane de Carvalho Montalvão²

Maria Gorete Ferreira da Silva³

RESUMO

Neste relato de experiência compartilhamos a realização de uma atividade desenvolvida no componente curricular: História e Cultura Afro-brasileira, do Curso de Pedagogia do *Campus XII/UNEB*, no semestre 2013.2. Esta atividade foi realizada numa comunidade remanescente de quilombo, pertencente à fazenda Lagoa dos Anjos, município de Candiba, estado da Bahia. Este trabalho teve por objetivo conhecer o perfil do grupo da comunidade quilombola, no ensejo de perceber como essas pessoas se veem enquanto descendentes de negros que foram escravizados no percurso da história. Também conhecer as lutas atuais e enfrentamentos com a comunidade externa. As discussões nesse grupo acerca do papel do negro na sociedade brasileira se deram numa perspectiva dialógica, levando em consideração o que propõe a Lei nº 10.639/2003 no sentido de combater o preconceito e as discriminações existentes no espaço escolar e comunitário. Por meio da realização deste trabalho verificamos que parte considerável da comunidade tem baixo nível de escolaridade e vivencia na prática uma sociedade que exclui os menos favorecidos, principalmente os negros. Infelizmente, a diversidade étnico-racial é uma questão que é tratada com preconceito e insegurança na sociedade. Percebemos também o quanto é importante para essa comunidade uma autoimagem positiva frente às diversidades da vida. As pessoas mais idosas da comunidade sabem da importância do seu reconhecimento e da sua identidade para a cultura quilombola e trabalham na perspectiva de que as novas gerações tenham orgulho do seu pertencimento afro-brasileiro. Portanto, sabendo da existência de uma comunidade remanescente de quilombo, definimos que este seria o espaço ideal para implantação e cumprimento da Lei 10.639/2003, ressaltando-a como um passo importante a caminho de uma pedagogia e uma didática que valorizem a diversidade étnico-racial e cultural presentes no nosso país.

Palavras-chave: Quilombo. Preconceito. Identidade. Cumprimento da Lei.

1 Introdução

A diversidade étnico-racial, infelizmente é uma questão que é tratada com preconceito e insegurança na sociedade. No sentido de trabalhar esse tema para além dos “muros” da

¹Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*. Bolsista de Iniciação à Docência do subprojeto “Laboratório de Práticas Pedagógicas” do PIBID/UNEB/*Campus XII*. E-mail: marineide_cba@hotmail.com

² Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*. E-mail: cris.cbamontalvao@hotmail.com

³ Estudante do curso de Pedagogia do Departamento de Educação de Guanambi – *Campus XII/UNEB*. E-mail: leticiamg_cba@hotmail.com

universidade, elaboramos uma proposta de atividade para ser desenvolvida em espaço escolar ou não escolar, contemplando discussões acerca da importância e influência da cultura afro-brasileira na nossa formação enquanto seres humanos.

Conhecendo nossa realidade local e sabendo da existência de uma comunidade remanescente de quilombo, definimos que este seria o espaço ideal para desenvolver a proposta, levando em consideração o respeito da implantação e cumprimento da Lei 10.639/2003, ressaltando-a como um passo importante a caminho de uma pedagogia e uma didática que valorizem a diversidade étnico-racial e cultural presentes no nosso país.

Aplicar essa atividade com os remanescentes nos leva a elucidar a importância que cada sujeito tem no processo de construção de nosso país, estado e comunidade. Com este trabalho esperamos que a consciência de valorização do ser humano ultrapasse as fronteiras da violência, do preconceito e do racismo.

A comunidade escolhida se localiza na Fazenda Lagoa dos Anjos, município de Candiba-BA. Por não possuir sede própria, o grupo que é composto por 16 famílias que se reúne no salão comunitário da localidade. O quilombo foi reconhecido no dia 19 de dezembro de 2011 pela Fundação Cultural Palmares que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e da titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos.

2 O legado da cultura afro além da universidade

Sabe-se que o racismo é visível nos dias atuais, por outro lado, também cresce o nível de consciência de que o mesmo é maléfico e precisa ser combatido, denunciado e eliminado. Partindo desse pressuposto, nós, enquanto estudantes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia realizamos uma atividade com os integrantes do quilombo.

Inicialmente fomos acolhidas por todos que ali estavam com uma mensagem reflexiva que nos possibilitou o desenvolvimento da proposta recebida. Logo após, com um breve discurso acerca dos nossos objetivos naquele local, abrimos espaço para o relato das experiências vivenciadas pelo grupo enquanto remanescentes quilombolas.

Os membros do quilombo relataram o processo do seu reconhecimento. Buscaram, através de informações dos mais velhos, resquícios de sua história que posteriormente caminharia para sua emancipação, todavia, enfrentaram muitas dificuldades para alcançarem seus objetivos. O patriarca com idade de oitenta e cinco anos, presente nessa reunião, argumentou ser neto de escravos, o que conduziu o início da pesquisa realizada pelos demais

a fim de restaurar a história para que realmente comprovasse o vínculo consanguíneo com os povos africanos.

De início, buscaram apoio na assistência social do município. As informações obtidas através da árvore genealógica foram analisadas pelo município, aguardando a aprovação da Fundação de Palmares. Esse período de espera prevaleceu por quase dez anos, um tempo de constante luta por um reconhecimento que já deveria ter conquistado desde os seus ancestrais. No dia 19 de dezembro de 2011, a comunidade de Lagoa dos Anjos, foi oficialmente reconhecida como comunidade remanescente quilombola.

A partir dessa primeira conquista, diante de muitas vindouras, contam os quilombolas que são muitos os projetos de lutas, a começar pela posse de terras, uma vez que os mesmos são arrendatários, meeiros, lavradores, e assim sonham com atos de justiça para com o seu povo, posse esta que ainda não foi conquistada por eles e nem cumprida segundo o que está posto na lei.

Art. 9º A identificação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades de quilombos consiste na caracterização espacial da área ocupada pela comunidade e será realizada mediante Relatório Técnico de Identificação, elaborado pela Superintendência Regional, a partir da indicação feita pela própria comunidade, além de estudos técnicos e científicos já existentes, encaminhados ao Incra com anuência da comunidade. (BRASIL, 2004, p. 44).

São humildes, dóceis, sofrem com o preconceito, e ficaram satisfeitos ao nos assumirmos também como afrodescendentes, apesar da pele mais clara. Pontuamos que o Brasil é um país de uma mistura de etnias, e não de raças. E que, raça só existe uma, “a humana”. Ficaram maravilhados com tal colocação, pois a opressão da sociedade é tanta que parece instigá-los abaixar a cabeça. Um dos membros argumentou se assustar quando num determinado dia foi surpreendido por um branco que o cumprimentou chamando-lhe de “primo”. Ninguém na categoria dos brancos o teria feito antes! Comentou com brilho nos olhos, aquele humilde cidadão.

Diversos foram os questionamentos desse público acerca da desigualdade social que aflige suas famílias. Um dos depoimentos que nos chamou atenção foi o do componente do grupo, João Alves, residente na localidade e professor do ensino Fundamental I, no Grupo Escolar Dom José Pedro Costa. O educador relata:

A comunidade sempre esteve ciente de algumas contribuições do negro para o Brasil, no que diz respeito às riquezas aqui produzidas desde os tempos remotos como, por exemplo, comércio, tráfico de escravos, trabalho árduo. Eu não entendo por que o dia 20 de Novembro não é um feriado nacional diante de tantas contribuições que o negro já deu pra esse país. É de se lamentar a falta de consideração com a população negra brasileira.

O educador diz se orgulhar de suas origens. Sua mãe é espírita, seus primos lutam capoeira, traços bem marcantes de uma população africana. Um dos integrantes diz solicitar sempre o apoio de todos os que os visitam na divulgação da comunidade remanescente que é um orgulho na região por possuir raízes profundas na cultura local. Durante a nossa atividade de campo, também foram lembrados pelos remanescentes outros saberes, como cita Siqueira (2013, p. 155):

Entre os múltiplos saberes, destaca-se: o saber respeitar as pessoas mais velhas; a história da família dos seus antepassados; o culto à natureza; os saberes em relação à chuva e à posição do sol; os efeitos da lua; o tempo de plantar e de colher; o perigo dos raios, a leitura da força dos trovões; a importância da água em todos os momentos da vida; os segredos das plantas; o poder das folhas e das raízes para curar, para fortalecer o corpo e a alma das pessoas.

O senhor Sebastião diz sentir-se honrado em ocupar o cargo de vice-presidente da associação quilombola, na condição de um quilombola. O cidadão foi digno da admiração de todos os presentes, principalmente da nossa ao mencionar o nome do atual Presidente do Supremo Tribunal Federal, Joaquim Barbosa, como uma grande influência para ele e para a sociedade brasileira. E salientou com convicção, mediante o pouco grau de escolaridade que possui “gente o negro tem que ser respeitado, porque hoje existe a Lei que os protege”.

Num dado momento do encontro, algo nos despertou enquanto pesquisadoras. Um Senhor de mais de sessenta e cinco anos de idade, apresenta eloquentemente relatos de sua infância durante o pouco tempo em que esteve na escola. Sofria discriminações de todos os colegas por mínimas coisas. O cidadão criticou o livro didático, o que não esperávamos, pelo fato de não possuir grau algum de escolarização. Repudiou o livro da disciplina de história, argumentando que o mesmo não mostra o negro em ascensão, mas, imagens deprimentes de assolação e sofrimento. Onde anda o negro vencedor? Ouvem-se apenas relatos de homens brancos que contam histórias a seu paladar. Quantos Zumbis não viveram espalhados por esse mundo sem poder mostrar sua importância?

Assim, numa roda de conversa, apontamos para as crianças e os jovens ali presentes a possibilidade de brotar em algum deles o espírito de liderança que uma comunidade tanto almeja. Crianças que tenham visão de futuro, com objetivos a alcançar, pois são democráticas.

Durante o diálogo uma senhora se pronunciou relatando sobre os projetos solicitados por eles após o reconhecimento pela fundação. A mesma pontuou que recebem muitos visitantes, palestrantes, estudantes. A assistência social do município cadastrou a comunidade em vários projetos sociais. Numa visita de representantes da Fundação de Palmares, o

coordenador gaba o grupo, reconhecendo a organização acentuada da comunidade, todavia o mesmo ressalta que a situação precária de outros quilombos, tem prioridade nas aprovações de projetos.

Nosso trabalho continuou com a partilha dos conhecimentos acerca da Lei 10.639/2003, que foi exposta em slide para todo o grupo. Na discussão explanamos que a lei objetiva a contribuição para a superação dos preconceitos e atitudes discriminatórias por meio de práticas pedagógicas de qualidade, que incluam o estudo da influência africana na cultura nacional.

Outro ponto abordado foi as dificuldades que as escolas encontram para a implementação da mesma. Os obstáculos, muitas vezes, estão pautados no despreparo e desconhecimento dos professores com relação ao tema; no pouco material de estudos produzido sobre a história e cultura dos afro-brasileiros no Brasil; no preconceito e discriminação de algumas instituições e na falta de iniciativa sociopolítica dos gestores municipais. Evidenciamos o papel que os mesmos enquanto pais devem desenvolver junto à comunidade escolar uma forma de exigir que a lei seja cumprida por meio da sua participação no Conselho Escolar.

Assim, o professor João se posiciona confirmando a nossa fala: *“Já fiz isso na minha sala. Falei “pra” meus alunos que pedisse os pais que tivesse história, contos sobre o tema, “pra” dizer a eles ou levar “pra” escola no dia de reunião “pra” incentivar o trabalho da cultura afro com seu filho lá na escola”*.

Ao se tratar da educação nas áreas remanescentes de quilombos, pontuamos que as prefeituras que possuem áreas quilombolas recebem apoio técnico e financeiro, abarca também cursos de formação de professores e a elaboração e aquisição de materiais didáticos específicos para áreas de remanescentes de quilombos. Da mesma maneira, discorreremos acerca do dia da consciência negra e que seu intuito é fazer o sujeito refletir sobre a inserção do negro na sociedade brasileira e sobre a questão da igualdade racial.

Concluimos nossa atividade informando a todos que, se hoje há leis que os protegem mediante situações de descaso, garantindo o que lhes é de direito, isso se deve aos movimentos negros que se reuniram e foram em busca dessas conquistas.

3 Considerações finais

É base para o ser humano em seu desenvolvimento, o autoconhecimento e a identificação com o meio no qual está inserido para se integrar à sociedade. Sem o autoconhecimento, através da construção de sua identidade não se forma cidadãos ativos e

críticos. Percebemos que a opinião do grupo no qual está inserida também conta no processo de construção da identidade. Por isso, a discriminação pode ser um fator opressor na formação do ser humano. A criança negra precisa se ver como negra, aprender a respeitar a imagem que tem de si e ter modelos que confirmem essa expectativa. Sem raízes um povo não constrói sua identidade. Muitas vezes a escola tem o poder de valorizar, segregar, discriminar e até eliminar a identidade negra de sala de aula.

As Comunidades Remanescentes de Quilombos só existem segundo Siqueira (2013, p. 156), “porque elas são representações vivas de princípios fundadores de saberes seculares que perpassam, direta ou indiretamente, ao estilo de uma seiva, que alimenta uma semente que renasce dia a dia em forma de um processo educativo, que se realiza”.

Findamos este trabalho entendendo que o caminho para a convivência harmônica na sociedade é rever nossos conhecimentos, perceber nossas deficiências, buscar novas formas e fontes de saber. Ver o outro em sua essência e não a aparência. Ver a união e a força interna daquele povo para a perpetuação de uma cultura nos tocou fortemente. Esta experiência trouxe-nos oportunidades únicas de repensarmos nossa prática cotidiana, tanto na vida pessoal quanto futuramente enquanto profissionais da educação. Deste modo, entendemos que a educação é o caminho para se conquistar a união e o respeito à diversidade entre todos os povos.

Referências

BRASIL. **Programa Brasil Quilombola**. Brasília: Abaré. 2004. Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/publicacoes/brasilquilombola_2004.pdf>. Acesso em: 03 de Dez. 2013.

_____. **Lei nº 10.639, de 09 de Janeiro de 2003**. Brasília. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/lei10639.pdf>>. Acesso em: 05 de Dez. 2013.

_____. **Instrução Normativa nº 57**, de 20 de Outubro de 2009. Brasília. Disponível em: <<http://www.seppir.gov.br/.arquivos/instrucao-normativa-n-o-57-de-20-de-outubro-de-2009>>. Acesso em: 05 de Dez. 2013.

SIQUEIRA. M. de L. Educação Quilombola: Os Quilombos e a Educação. In:_____. **Africanidades brasileiras e educação** [livro eletrônico]: Salto para o Futuro / organização Azoilda Loretto Trindade. Rio de Janeiro: ACER; Brasília: TV Escola, 2013.